

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO E PIERRE BOURDIEU: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Kênia Hilda Moreira¹

Resumo

O presente artigo objetiva apresentar algumas considerações em torno das relações entre o sociólogo francês Pierre Bourdieu e a Sociologia da Educação no Brasil. Queremos discutir mais especificamente o rótulo “reprodutivista” dado por alguns educadores a Pierre Bourdieu. Para tal, utilizamos como modelo o livro de Rodrigues (2002), *Sociologia da Educação*, bastante conhecido no curso de Pedagogia. Queremos mostrar os equívocos desse rótulo evidenciando Bourdieu como um sociólogo crítico-reprodutivista.

Abstract

The present article objective to argue the label of “reproduce” given for the educators to French sociologist Pierre Bourdieu. For such, we use as model the book of Rodrigues (2002), *Sociology of the Education*, sufficiently known in the course of Education. We want to show the mistakes of this label evidencing Bourdieu as a critic-reproduce sociologist.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu. Sociologia da Educação. Crítico-Reprodutivista.

Key-Words: Pierre Bourdieu. Education. Sociology of the Education . Critic-Reproduce.

Introdução

(...) a adequada compreensão de um determinado autor impõe um duplo trabalho de elucidação: de suas idéias e do universo intelectual no qual elas chegam a circular. (WACQUANT, 1993, p. 235)

O presente artigo originou-se de um levantamento bibliográfico realizado por nós para ministrar a disciplina “Sociologia da Educação” em curso de Pedagogia na Unifan². No decorrer desse trabalho, encontramos uma referência que pareceu abarcar a ementa e o objetivo da disciplina e nos debruçamos sobre ela. Tratava-se do livro *Sociologia da Educação*, de Alberto Tosi Rodrigues, em sua terceira edição, datado de 2002.

No quinto capítulo intitulado *Três visões sobre o processo educacional no século XX*, ao apresentar as visões dos sociólogos Antônio Gramsci, Karl Mannheim e Pierre Bourdieu, Rodrigues (2002) define Bourdieu como “reprodutivista”. Segundo o autor, Bourdieu acredita que a escola é um instrumento de reprodução das desigualdades, e assim sendo, nada pode ser feito para mudar essa realidade, ao contrário de Antônio Gramsci e Karl Mannheim, considerados otimistas por Rodrigues em relação à educação.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista/UNESP-Araraquara. Título do Projeto de Pesquisa: “O Livro Didático de História no Contexto Republicano: história do livro e do ensino”. Professora afastada do curso de pedagogia na Unifan (Goiás). Disciplinas ministradas: Sociologia da Educação, História da Educação e Filosofia da Educação. keniahilda@yahoo.com.br

² União das Faculdades Alfredo Nasser (UNIFAN), Aparecida de Goiânia-GO.

Percebendo não se tratar de um caso isolado, essa visão sobre Bourdieu, mas de uma tendência no campo pedagógico, como afirmam (CATANI, CATANI e PEREIRA, 2001, p. 65) ao escreverem sobre as apropriações da obra de Bourdieu no campo educacional, nos propusemos discutir, como modelo elucidativo, o ponto de vista de Rodrigues (2002), e nos opôr a ela.

Nosso desejo é demonstrar que Bourdieu, ao contrário dessas afirmações, é um crítico-reprodutivista. Em sua obra *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*, cuja parceria com Jean-Claude Passeron foi muito significativa, Bourdieu objetivava fazer uma crítica à escola francesa, ao perceber que ela reproduz as desigualdades sociais quando contribui para perpetuar as diferenças sociais a partir de um discurso de igualdade: a escola é para todos e propicia a realização das potencialidades humanas, os dons e talentos do aluno. Queremos mostrar que Bourdieu percebeu em seus estudos que a escola reproduz as diferenças sociais de forma dissimulada, mas não defende que ela tem que ter esse papel.

Com base em Wacquant (1993) citando o próprio Bourdieu, na epígrafe acima, dividimos esse artigo em duas partes. Na primeira “Bourdieu e a História”, apresentamos as principais dimensões analíticas estabelecidas pelo autor, que passaram despercebidas pela maioria dos críticos, preocupados em contabilizar o potencial transformador que a obra *A Reprodução* podia apresentar. Na segunda parte “Bourdieu e a Educação”, discutimos a obra e o rótulo dado a Bourdieu como um sociólogo reprodutivista, devido a leituras equivocadas que fizeram de sua obra, como fez Rodrigues (2002).

Bourdieu e a História

Ao longo das últimas quatro décadas, Pierre Bourdieu, afirma Martins (2002)³, construiu um dos *corpus* de teoria e pesquisa sociológica mais férteis do pós-guerra. Se pensarmos desse modo, poderíamos afirmar que um dos motivos da vitalidade de sua obra está na articulada integração que o autor faz entre teoria e pesquisa empírica. E o grande reflexo dessa integração é sua *Teoria da Prática*, um método de pesquisa em busca de uma maior legitimidade científica, de uma melhor compreensão da construção e manutenção do espaço social, sempre atento à relação entre estrutura e ator.

A *Teoria da Prática*, também conhecida como *teoria praxiológica*, surgiu após a incorporação heterodoxa de uma multiplicidade de fontes teóricas – dentre as quais cabe destacar os três clássicos da sociologia: Emile Durkheim, com seu objetivismo; Max Weber, com seu subjetivismo; e Karl Marx, como a expressão do pensamento dialético – aplicadas empiricamente a uma diversidade de temas.

Essa intrínseca relação entre teoria e prática que deu origem à *Teoria da Prática* permitiu a produção de inúmeros conceitos, para enfrentar as complexas mediações que permeiam as relações entre ator e estrutura, dentre os quais os de *campus* (interiorização das exterioridades) e *habitus* (exteriorização das interioridades). Numa relação dialética, o *campus* forma o *habitus* na mesma medida em que o *habitus* forma o *campus*. Bourdieu procura romper com a dicotomia, as oposições que permearam a ciência social por um longo período, buscando enxergar o espaço social de forma mais complexa⁴, por exemplo, do que a divisão da sociedade em duas classes, como analisou Marx, com o modo de produção⁵, enfocando o campo econômico. De acordo com a teoria de Bourdieu, não existe a sobreposição de um campo sobre outro⁶.

Sem dúvida, Bourdieu é um dos intelectuais europeus mais influentes da atualidade e tem seguidores em universidades no Ocidente e no Oriente. Devido aos seus trabalhos, a sociologia ganhou novo fôlego como instrumento científico de observação, análise e crítica da vida contemporânea.

³ Comentário de Carlos Benedito Martins, professor de sociologia da UnB, extraído do jornal *Folha de S. Paulo* de 26/01/2002.

⁴ Bourdieu afirma que é preciso ver para além das aparências, além das classes sociais. Segundo ele as relações sociais não expressam a realidade, mas uma visão, pois as relações sociais estão contaminadas pelas categorias objetivas

⁵ Para Marx, o estudo do *Modo de Produção*, entendido por meio da relação entre forças produtivas e relações de produção, é fundamental para compreender como se organiza e funciona uma sociedade.

⁶ Cada *campus* tem suas próprias regras e estratégias, numa situação dinâmica, de variação, em que se inclui vários agentes (mais de dois), com dominantes e dominados. E a autonomia do *campus* é sempre relativa.

Com o avanço da mundialização e das teses econômicas do neoliberalismo, Bourdieu se tornou um intelectual mais engajado e crítico-participativo na vida política, atuando como militante na terceira idade. Ele participou de manifestações de apoio a grevistas, imigrantes e trabalhadores e publicou uma série de artigos e livros que refletiam sobre a miséria atual, como o livro *A Miséria do Mundo* (1997), uma pesquisa com os pobres franceses; *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal* (1998), sobre as formas de dominação; *Sobre a Televisão* (1997), em que aborda os mecanismos de controle e de produção de discursos dominantes pela mídia; *A Dominação Masculina* (1999), estuda a permanência de um inconsciente dominante “androcêntrico” (masculino) tanto no sexo masculino quanto no sexo feminino.

Essa introdução sobre Bourdieu nos auxilia a levantar dois pontos, em princípio, na leitura do quinto capítulo do livro de Rodrigues (2002). A primeira observação que fazemos se refere à ordem cronológica no capítulo em que apresenta os autores, colocando Bourdieu em primeiro, Gramsci em segundo, e Mannheim em terceiro, dando a impressão de um progresso no que diz respeito às teorias de cada autor acerca do processo educacional no século XX. Entretanto, considerando o período de vida de cada um, uma ordem mais expressiva seria: primeiro Gramsci (1831-1937), depois Mannheim (1893-1947) e, por fim, Bourdieu (1930-2002), o teórico mais próximo da atualidade, que militou fortemente em seus últimos anos de vida contra o neoliberalismo contemporâneo.

A segunda observação diz respeito à divisão que Rodrigues (2002) faz dos autores, como se cada um deles tivesse recebido influência de um dos clássicos da sociologia. Segundo o autor, Bourdieu teria sido influenciado pelas teorias durkheimianas, como vemos na transcrição abaixo:

O pensamento de Durkheim serviu de base e ofereceu os métodos fundamentais para a construção de uma sociologia da educação muito influente ao longo do século XX. Um dos mais importantes sociólogos a analisar a educação contemporânea sob a influência do modelo de Durkheim é o também francês Pierre Bourdieu. (RODRIGUES, 2002, p. 83-84)

Gramsci, por sua vez, teria recebido influência da teoria marxista, uma vez que a importância de suas idéias “está em sua capacidade de atualizar o pensamento de inspiração marxista, de modo a adequá-lo às características das sociedades européias de capitalismo avançado da primeira metade do século XX” (RODRIGUES, 2002, p. 88).

Mannheim, por fim, influenciado pela teoria weberiana:

Fechemos então o capítulo com um comentário sobre um pensador do século XX, preocupado com a sociologia da educação, que retoma a formulação de Weber sobre os tipos de educação (as pedagogias do cultivo e do treinamento) e dá a ela a perspectiva de um programa para a mudança da educação. (RODRIGUES, 2002, p. 95)

A nosso ver, a importância da teoria de Bourdieu e seu alcance se justificam, entre outros tantos motivos, por ele ter conseguido captar elementos teóricos dos três clássicos da Sociologia, não se aproximando mais das teorias de um ou de outro, e sim retirando de cada uma o que tinha de indispensável e integrando-as de uma nova forma, dando origem à teoria da prática. Este trabalho de investigação, de adaptação e de (re)elaboração de teorias é o que lhe permite ser considerado hoje como o quarto teórico clássico da Sociologia, junto aos três clássicos: Durkheim, Marx e Weber.

Bourdieu e a Escola

Em sua obra *A Reprodução*, Bourdieu e Passeron tratam da temática “escola” e sua relação com a sociedade. Para Bourdieu, como crítico dos sistemas de ensino, em particular o francês, a escola e seu método de ensino asseguram a continuidade dos privilégios culturais ao reproduzir as relações de classes presentes na sociedade. Esse posicionamento é que nos norteará, de agora em diante, na discussão dessa posição, bem como sua repercussão no meio pedagógico brasileiro.

A obra em questão, que teve como apoio uma série de análises empíricas prévias acerca dos processos de seleção social e de inculcação cultural na escola francesa, é constituída de quatro grandes teses e cada uma gera sub-teses, dentro de uma reflexão lógica.

O ponto de partida dos autores é a afirmação de que toda ação pedagógica é uma violência simbólica. Não se trata de uma violência física, mas de uma imposição arbitrária da cultura de um grupo ou classe a outro grupo ou classe, e esta imposição oculta, mascara as relações de força que estão na base de seu poder. Sendo assim, “as ações sociais são concretamente realizadas pelos indivíduos, mas as chances de efetivá-las se encontram objetivamente estruturadas no interior da sociedade global”, como afirma Ortiz (1994, p. 15) ao escrever sobre a *teoria da prática* de Bourdieu. A ação pedagógica é, para Bourdieu, uma ação objetivamente estruturada, é uma violência simbólica porque impõe um arbitrário cultural, ou seja, impõe uma concepção cultural dos grupos e classes dominantes e esta imposição tem no sistema de ensino um de seus sustentáculos.

A pedagogia, neste sentido, nunca realiza os objetivos que enuncia, pois é inculcação de valores e normas de um dado grupo ou classe a outros grupos ou classes. Podemos reafirmar, então, que a ação pedagógica é uma violência simbólica, pois tem por objetivo aplicar sanções. Bourdieu, desse modo, por meio do estudo da “distribuição estatística dos produtos pedagógicos segundo as diferentes camadas e classes” chega à seguinte conclusão: a chance de cada indivíduo é determinada pela sua posição dentro do sistema de estratificação, e, partindo da análise específica do sistema de ensino, Bourdieu mostra-nos que o sistema de ensino tem uma dupla função: a reprodução da cultura e a reprodução da estrutura de classes. O sistema de ensino promove os aptos a participarem dos privilégios e do uso da força (poder).

Para entendermos melhor esse raciocínio, voltemos à questão da ação pedagógica: toda ação pedagógica requer uma autoridade pedagógica para que ocorra a inculcação de um arbitrário cultural. A ação pedagógica se realiza por intermédio do trabalho pedagógico que são atividades contínuas e sistemáticas de imposição de princípios culturais que devem persistir após a cessação da ação pedagógica (FREITAG, 1979). Neste sentido, é o trabalho pedagógico que dá garantia da imposição dos conteúdos culturais de grupos e classes dominantes sobre os demais, garantindo assim a perpetuação da ordem estabelecida, legitimando uma “formação social durável”.

O trabalho pedagógico operado pelo sistema de ensino conduz os alunos pouco a pouco a irem interiorizando certos códigos de normas e valores. Bourdieu enfatiza a importância de se estudar o modo de estruturação do *habitus* por intermédio das instituições de socialização, ou seja, o trabalho pedagógico tende a estruturar o *habitus*, em outras palavras, predisposições dos agentes a agirem segundo certo código de normas e valores que os caracterizam como pertencentes a um grupo ou classe. Os agentes tendem a reproduzir as mesmas condições de classe de origem dos alunos.

Outro elemento de grande importância para a análise de Bourdieu é o conceito de capital cultural. Cada indivíduo recebe um *quantum* social de informações desde o seu nascimento, principalmente por meio da família, e será este *quantum* que determinará a posição do indivíduo na sociedade. Então, a triagem e seleção serão explicadas em termos de falta de habilidades, capacidades, mau desempenho, justificando assim as desigualdades sociais.

Apresentamos em linhas gerais, a teoria presente na obra *A Reprodução*, que recebeu, logo após sua publicação, uma bateria de objeções. Na França, país de origem, as críticas se sucederam entre 1972 e 1973. Entre os críticos destacamos Antoine Prost, Vicent Petit, Christian Baudelot, Roger Establet e Georges Snyders. Segundo Silva (1996), parte da interpretação educacional de Bourdieu no Brasil foi feita por influência da crítica deste último autor. Nesta época, afirma Silva (1996), as pessoas leram muito mais Snyders e seus intérpretes brasileiros do que Bourdieu.

Outra justificativa para a rejeição sofrida por Bourdieu e sua definição como “reprodutivista” no meio educacional brasileiro se deve ao fato de o livro ter sido traduzido em 1975 e lido num contexto histórico em que reinava uma ideologia da educação aprisionada na dicotomia:

“transformação x reprodução” ou “reprodução x resistência”, como afirmam Catani, Catani e Pereira (2001).

Inúmeras foram e ainda são as críticas feitas à Bourdieu. Acreditamos que muitas delas merecem consideração, pois qualquer obra - e a de Bourdieu não foge a regra - possui limitações, sejam históricas, sejam culturais, ou de outra natureza. Contudo, faltam fundamentos às críticas que classificam Bourdieu como “reprodutivista”.

Rodrigues (2002), ao final de sua exposição sobre Bourdieu, classifica-o claramente como um “reprodutivista”, em contraposição a Gramsci e Mannheim, que, de forma mais “otimista”, como ele quer fazer crer, percebem a possibilidade de uma transformação no sistema de ensino existente no século XX:

Bem, mas talvez seja o momento de retomar a questão que coloquei no princípio deste livro: Será que a barreira da dominação social é intransponível? Será que estamos condenados a reproduzir as estruturas indefinidamente? Gramsci, do ponto de vista do marxismo, e Mannheim, do ponto de vista da democracia liberal, achavam que não. (RODRIGUES, 2002, p. 87-88)

Outro momento do texto de Rodrigues (2002), a nosso ver, que induz à definição de Bourdieu como pessimista em relação à educação, está no subtítulo *Mannheim e a luz no fim do túnel*, que nomeia a apresentação do último autor por ele trabalhado. Rodrigues nos permite interpretar que com Bourdieu não existe luz no fim do túnel. Afirmção que, a nosso ver, tende ao equívoco, porque oriunda de uma leitura superficial e preconceituosa da obra de Pierre Bourdieu.

O equívoco de Rodrigues (2002), ao explicitar esse ponto de vista, bem como de outros autores que concordam com sua análise, é o de ver em Bourdieu um pedagogo e não um sociólogo. Mesmo como “sociólogo da educação”, não é sua obrigação solucionar problemas levantados, mas, sim, explicitá-lo, problematizá-los, permitindo uma possível tomada de consciência sobre o assunto, criando, desse modo, a necessidade de se conhecer os mecanismos de dominação e violência simbólica. Sem essa preocupação, não é possível agir militante e/ou pedagogicamente de maneira adequada.

Silva (1996) busca tirar o rótulo “pedagogo” de Bourdieu. Segundo ele, um dos motivos para inadequada definição está

na petrificação de Bourdieu como o autor de um único livro, *A Reprodução*, que muito poucos leram, mas que serviu, não obstante, para que uma multidão de leitores/as dos fabricantes de rótulos o classificassem definitivamente como um irremediável “reprodutivista”. (SILVA, 1996, p. 230)

Ao se tomar Bourdieu como pesquisador teórico-prático, deve-se encará-lo como um teórico social cuja contribuição pode ser importante para a análise educacional e até mesmo para a teoria educacional. Sendo assim, uma análise educacional que leve a sério a sociologia de Bourdieu deve ser capaz de distinguir entre um problema educacional e um problema sociológico, pois uma análise educacional bourdieuniana só pode ser uma sociologia da educação e, como tal, ampara-nos Silva, não deve estar preocupada com as finalidades da educação. Dito de outro modo:

Com a natureza epistemológica do conhecimento educacional, com as melhores formas de organizar o sistema educacional (...). Uma análise sociológica da educação inspirada em Bourdieu deveria, em vez disso, preocupar-se em compreender como as categorias de pensamento e de classificação da realidade estão ancoradas em interesses e em relações de poder e em compreender de que forma a educação está implicada nesse processo. (SILVA, 1996, p. 233-234)

Claro isto, podemos reafirmar que Bourdieu não é um “reprodutivista”, um teórico pessimista com relação ao futuro educacional. Ao contrário do que afirma Rodrigues (2002) e uma série de outros críticos de Bourdieu, ele apresenta uma visão inovadora ao problematizar a escola, pois é esta sua função enquanto sociólogo da educação: compreender a estrutura interna do processo educacional, desvelando a dissimulação existente. Isso ele fez de forma bastante expressiva, cabendo a nós professores compreender essa análise e tomar o cuidado de não a dissimular.

À Guisa de Conclusão

Conhecer a proposta de Bourdieu, vendo-o como sociólogo, pode auxiliar a leitura e a melhor compreensão de suas teorias. Acreditamos que Bourdieu cumpre bem o papel, enquanto sociólogo, de explicar a existência da violência na escola, uma imposição arbitrária para a manutenção da estrutura de classes, que age de forma oculta. Não deixa claro as saídas para essa situação. No entanto, isso não significa que ele acreditou que a barreira da dominação social fosse intransponível, ou que estivéssemos condenados a reproduzir as estruturas indefinidamente, como afirma Rodrigues (2002). Portanto, é um equívoco achar que com Bourdieu “não existe luz no fim do túnel”. Bourdieu e Passeron (1975) apresenta uma visão histórica da sociedade e do homem, fazendo uma análise crítica da sociedade capitalista. Não há dicotomias no caso desses autores, entre ser reprodução ou transformação, etc., por isso o rótulo não se aplica. Além do mais, se os problemas sociais são históricos, as soluções também o são.

Referência Bibliográfica

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Contrafogos 2: por um movimento social europeu**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/DIFEL, 1989.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CATANI, Afrânio Mendes, CATANI, Denice Bárbara, e PEREIRA, Gilson R. de M. *As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área*. In. **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Ago, 2001.

FREITAG, Bárbara. **Educação, Estado e Sociedade**. 2ª edição, São Paulo: Cortez, 1979.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

PETTT, Vicent. *As contradições de “a reprodução”*. In. **Cadernos de Pesquisa**, n. 43, p.43-51, nov.1982.